

# Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter  
da Silveira

---

Clube de Cinema da Bahia



Maio - 1967

# "Sorrisos de uma noite de amor"

( "Sommarnattens Leende" )

## FICHA TÉCNICA

Realização — Ingmar Bergman

Argumento e roteiro — Ingmar Bergman

Fotografia — Gunnar Fischer

Cenografia — P.A. Lundgren

Música — Erik Nordgren

Interpretação — Gunnar Bjornstrand (o advogado Frederik Egerman), Bjorn Bjelvenstam (Henrik), Jarl Kulle (o conde Malcolm), Eva Dahlbeck (a atriz Desirée Armfelt), Harriet Anderson (Petra), Ulla Jacobson (Anna), Naima Wifstrand (a velha Armfelt).

Produção — Svenskfilmindustri, 1956

★ PRÊMIO ESPECIAL DO FESTIVAL DE CANNES DE 1956

A celebridade mundial de Ingmar Bergman começa com "Sorrisos de uma noite de amor", embora fôsse o seu décimo sexto filme e muitos outros também admiráveis pudessem tê-lo consagrado: "Juventude" (1950), "Quando as mulheres esperam" (1952), "Mônica e o desejo" (1952), "Noites de circo" (1953).

Esse filho de um pastor da corte real sueca, nascido em Upsala em 1918, atormentado até hoje pelos problemas metafísicos, se não é o mais fecundo de todos os cineastas, porque há realizadores japoneses com uma obra ainda mais abundante, ao menos não encontrou no ocidente quem rivalizasse com êle. Sobretudo se lembrarmos que sua filmografia tão vasta lhe pertence inteiramente: do argumento pensado ao argumento realizado, há uma autoria integral. Toda vez que a crítica moderna se reporta a um cinema de autor, o nome de Bergman aparece imediatamente citado. Tão grande homem de cinema quanto de teatro, o herdeiro da tradição fílmica de Victor Sjöström e Mauritz Stiller surge como um pensador que se utilizasse da arte audio-visual como outros têm se utilizado de literatura. Aliás, em sua forma, seria melhor dizer: em seu estilo, a palavra, o texto, a voz, o diálogo, por vês o solilóquio, são recursos expressivos tão válidos cinematograficamente quanto a imagem. Porque não faça filmes apenas por fazer filmes, nem acredite que o cinema se limite a um *divertissement*, mesmo a um simples espetáculo, Bergman tem uma temática tão seriamente ontológica que se reputaria sua indagação sobre o amor, a felicidade, a comunicação dos seres, a inquietude mística, o efêmero da vida, como uma visão pessoal do mundo. Ele afirmaria, aliás, com justa convicção: "Meu prazer é fazer filmes com estados d'alma, com as emoções, as imagens, os ritmos e os caracteres que trago em mim. O rosto humano é o ponto de partida de meu trabalho. E a câmara deve interferir como um observador totalmente objetivo".

Todo êsse Bergman pode ser descoberto em "Sorrisos de uma noite de amor". Muitos se enganarão que aí esteja apenas uma encantadora comédia romântica. No fundo, trata-se de uma sátira profunda. Na

parência, os personagens datam de 1900, da **belle époque**: na realidade são homens e mulheres de hoje, talvez de sempre. Não obstante muito de sua Suécia e de seu tempo, Bergman é um ideólogo e um artista universal e menos efêmero. A crítica do amor que está construída no filme, além de ir até às bases da condição humana, tem uma perplexidade permanente. Dirigindo-se contra os preconceitos amorosos da sociedade burguesa, contra a estreiteza ética nas relações entre o homem e a mulher, o filme aspira, na temática bergmaniana, a uma quase metafísica da vida sexual. Se o humor faz-se presente, um humor meio fantástico, por denrot **"Sorrisos de uma noite de amor"** é um drama — o que demonstra a versatilidade e o engenho do autor, capaz de ir ao patético mais profundo pela graça mais superficial.

Obra-prima sobre o casamento, **"Sorrisos de uma noite de amor"** situa Bergman entre os cineastas que melhor contribuíram ao longo da história, para a valorização da cultura cinematográfica.

Walter  
da Silveira